

**QUERELAS A RESPEITO DO CERIMONIAL DA ORALIDADE AO
PROCEDIMENTO DO REGISTRO POR MEIO DO ROMANCE A CASA:
ALGUMAS REFLEXÕES**

**Sérgio Wellington Freire CHAVES¹
Maria Eveuma de OLIVEIRA²
Orientador: Manoel FREIRE³**

RESUMO:

Tratar sobre o processo do desaguamento da literatura oral na literatura escrita é, neste trabalho, nosso objetivo maior. Havendo *A Casa*, romance da moderna literatura cearense, como *corpus* do estudo nosso, refletimos sobre o registro escrito cada vez mais latente de contos, lendas, mitos, superstições, frases feitas e tudo o mais que designamos como literatura oral. CASCUDO (2006), DUARTE (1987), PATRINI (2005) e outros, amparam e sustentam nossas reflexões acerca da oralidade e das marcas orais no escrito. Por meio de crítica análise da obra literária selecionada, objetiva-se ainda, comprovar bem como fomentar estudos sobre o referido processo.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade, Registro, Literatura, *A Casa*.

ABSTRACT:

Handle on the process of dewatering of oral literature is literature written in this paper, our main goal. *A Casa*, romance of modern literature cearense in the corpus of our study, we reflect on the written record more latent tales, legends, myths, superstitions, phrases and everything else we designate as oral literature. CASCUDO (2006), DUARTE (1987), PATRINI (2005) and others, bolster and support our reflections on orality and oral marks in writing. Through critical analysis of selected literary work, the objective is still to prove and to encourage studies on this procedure.

KEYWORDS: Orality, Register, Literature, *A Casa*.

¹ Discente do Mestrado Acadêmico em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

² Discente do Mestrado Acadêmico em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

³ Docente do Mestrado Acadêmico em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Todos sabiam contar estórias.
Luís da Câmara Cascudo

Conversas na cozinha entre comadres, ao pé do fogão à lenha, estórias contadas por negros escravos nas senzalas e Casa Grande, lendas e mitos desfiados por passadores de gado ao pé da fogueira em círculo, superstições acumuladas por gerações de sinhás-donas e explicações oferecidas por índios para justificar fenômenos naturais entre outras tantas situações, constituem o que designamos, de acordo com os estudos de Luís da Câmara Cascudo (2006), de literatura oral do Brasil, fonte basilar para a literatura clássica nacional.

Entendamos o termo literatura oral no sentido primeiro da sua enunciação; quando, em 1881, Paul Sébillot (1846 – 1918) o escreveu no título do seu trabalho escrito *Littérature Orale de la Haute-Bretagne*, obra que reúne:

[...] contos, lendas, mitos, adivinhações, provérbios, parlendas, cantos, orações, frases feitas, tornadas tradicionais ou denunciando uma estória, enfim todas as manifestações culturais, de fundo literário, transmitidas por processos não gráficos. (CASCUDO, 2006, p. 333)

Assim conceberemos o referido termo em nossa discussão.

As narrativas surgem de um mundo imaginário, sempre superior ao dos mortais. Lá, tudo pode acontecer.

Todos os povos, de todos os tempos e lugares sempre esquadrinharam o poder imaginativo como meio de fugir do cotidiano, da monotonia, dos problemas, do ócio, da vida humanizada que possuímos.

A busca pela imagem foi uma constante para o ser humano e as vitórias a ela arroladas, valorizadas. Entretanto, as imagens televisivas, computadorizadas, por satélites, nenhuma delas, conseguiu superar ou até somente atingir o imaginário oferecido pelas antigas narrativas orais que compõem o fantástico coletivo. São nestas narrativas que o imagético encontra o campo mais fértil para aflorar.

Afirmam Laplantine e Trindade (2003) que imagens fazem parte do ato de pensar e que são baseadas nas experiências visuais anteriores. A imagem não é passiva, mas sim em constante transformação; a imagem que temos de um objeto, com toda a carga simbólica e emotiva que atribuímos a ele, pode ter outra conotação, outro valor,

outro significado emotivo para outra pessoa; ou seja, a imagem é variante a depender do ser que o imagina.

No entanto, com as convenções criadas pelos povos que vivem em sociedade, o valor da imagem se tornou algo limitado e estabelecido dentro do real – interpretação que os homens atribuem, os homens sentem necessidade de atribuírem significados aos objetos; não à realidade – ambiente que se faz em sua concretude, independente da nossa percepção.

Ansiando fugir deste terrível real constante, o homem procura ultrapassar os muros do real comum e foge para o mundo do imaginário, mundo repleto de emoções, afetos e ficções poéticas; a realidade lá não chega e o real (o real deste mundo liberto da realidade) é indefinido e ilimitado. Neste mundo moram os personagens lendários e mitológicos que os indivíduos coletivamente produzem.

Rematam assim Laplantine e Trindade (2003, p. 27): “O imaginário, ao libertar-se do real que são as imagens primeiras, pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens”.

A ocorrência de acontecimentos que seriam impossíveis na vida cotidiana, na realidade, classifica o conto, a narrativa oral ou escrita, como pertencente ao maravilhoso, de acordo com a Teoria Literária; ou ainda, histórias que “[...] não podem ser explicadas pelas leis da natureza tais como são conhecidas” (TODOROV, 2004, p. 59).

Neste universo maravilhoso, os contos populares apresentam más madrastas e meninas enterradas vivas, reis e rainhas, anões e duendes, fadas e príncipes, anjos e demônios, santos, deuses e divindades, sapos enfeitiçados e coelhos brancos infindos dentro de uma pequena cartola, dragões e unicórnios, lobisomens e mulas-sem-cabeça, cavaleiros das trevas e o roubo da noite, bruxas e magos, personificação de seres inanimados.

Sobre a recepção destas narrativas, Laplantine e Trindade anotam:

Aquele que lê ou escuta essas histórias – já que se trata muitas vezes de tradições orais – adere totalmente àquilo que lê ou escuta, pelo menos durante o tempo da leitura ou da audição. Não põe em questão o que está escrito ou o que está sendo contado. Como escreve Jean-Paul Sartre, ‘se estou invertido, em um mundo invertido, tudo me parece direito’. (LAPLANTINE e TRINDADE, 2003, p. 31-32)

Em contato com estas histórias, o ouvinte ou leitor necessita compactuar inteiramente com o contista, para assim, compreender a história inteiramente; a dúvida, a descrença, a interrogação, deve surgir (se surgir) somente ao final da narrativa. Caso contrário, perde-se a grandiosidade da história. Aí mora a fertilidade do imaginário na cultural oral. O pacto de verossimilhança não deve ser quebrado nunca pelo ouvinte/leitor.

Este imaginário, que por hora tratamos, ocorre com grande fecundidade nas terras americanas. Afirma João Guimarães Rosa: “o que nunca se viu, aqui se vê.” (*apud* LAPLANTINE e TRINDADE, 2003, p. 58). Verdadeiramente, basta um simples olhar para verificar o quanto a história americana é rica (deste o seu descobrimento, repleto de plantas e seres fantásticos – o *Eldorado!*) de elementos e momentos imagéticos.

A história das terras americanas é um misto de incertezas, crenças, assombros e fatos que extravasam o senso comum.

Neste continente tudo é mais opulente, grandioso, exagerado que no restante do mundo, levando-nos à constante dúvida sobre o limiar da realidade com o imaginário, da morte vulgar ao mito do eterno, do poder ao fracasso, da riqueza à pobreza. Por exemplificação deste constante exagero, aqui citamos nomes de pessoas da realidade que parecem mais terem sido (re)criados de um imaginário coletivo: Che Guevara, Evita Perón, Giuseppe Garibaldi, Pinochet e, no Brasil, Santos Dumont, Juscelino Kubitschek, Lampião e Maria Bonita, Getúlio Vargas entre outros.

Os latino-americanos vivem em dois mundos imaginários: o mundo imaginário propriamente dito e o mundo da realidade, que por ser extravagante, se transforma em um real imagético tão forte quanto a mais bem escrita história de cavalaria ou o mais bem elaborado romance policial inglês.

O dualismo da contemporaneidade do final do século XX e início do século XXI, esse momento histórico-social repleto de exageros, dúvidas e crises sociais, alimenta com maior volúpia o imaginário dos americanos. Os nativos desta terra se deleitam com o sabor de uma atmosfera mítica e mística que os envolvem e os libertam ao devaneio. Viver na América é estar em um sonho.

No Brasil, torrão ruralista que foi até pouco tempo, a contação oral fará o papel de propor, em contraponto à realidade, essa fuga ao devaneio do qual então nos debruçamos.

Ao observarmos o panorama social e cultural do nosso país, haveremos de notar que até o início do século passado, o Brasil era ruralista. Em pouco tempo, muita coisa mudou:

A vida nas povoações e fazendas era setecentista nas duas primeiras décadas do século XX. A organização do trabalho, o horário das refeições, as roupas de casa, o vocabulário comum, os temperos e condutos alimentares, as bebidas, as festas, a criação de gado dominadora, as superstições, assombros, rezas fortes estavam numa distância de duzentos anos para o plano atual. [...] Os ditados, provérbios, frases feitas eram moeda corrente no comércio diário familiar. Recorriam aos exemplos sacros e aos reparos dos antepassados [...] Depois da ceia faziam roda para conversar, espaiar, dono de casa, filhos maiores, vaqueiros, amigos, vizinhos. Café e poranduba. Não havia diálogo, mas uma exposição. Histórico do dia, assuntos do gado, desaparecimento de bois, aventuras do campeão, façanhas de um cachorro, queda de grotão, anedotas rápidas, recordações, gente antiga, valentes, tempo da guerra do Paraguai, cangaceiros, contadores, furtos de moça, desabafos de chefes, vinganças, crueldades, alegrias, planos para o dia seguinte. [...] Os contos tinham divisões, gêneros, espécies, tipos, iam às adivinhações, aos trava-línguas, mnemonias, parlendas. (CASCUDO, 2006, p. 13-14)

A literatura oral brasileira terá como elementos precípuos, estórias vindas de terras além-mar, terras europeias (os portugueses colonizadores) e africanas (os negros escravos), além das estórias já conhecidas das terras americanas, contadas pelos ameríndios, os nativos.

Essas estórias orais foram, por meio de escritores, inseridas na literatura escrita, vivendo ambas independentes, pois a oralidade seguia seu curso de adequar-se à região, aos costumes, ao povo local, evidentemente guardando os traços fundamentais que o constituem; pois, como afirma Cascudo, há: “[...] processos populares de conservação dos temas, circulação e modificação das fórmulas iniciais e finais, da adaptação às condições ambientais, fauna, flora, costumes, mentalidade.” (2006, p. 15) Enquanto a escrita permaneceria exata, oferecendo registro incontestável ao futuro. Ora, sabemos que por mais valoroso que a oralidade seja, e em momento algum pretendemos aqui diminuí-la, senão valorizá-la, existem, entretanto, falhas na contação de estórias e

distorções que inviabilizam a certeza da perpetuação tal qual a gênese. Referente às estórias inserida nas literaturas oral e escrita, comenta Câmara Cascudo:

Não é bem lógico indicar uma fonte impressa como origem duma estória popular. Creio mais num tema anterior que influencia as duas personalidades distintas. Certamente a fonte impressa suprirá as deficiências das falhas na transmissão oral. Ao lado do povo que sabe e conta as estórias de Trancoso e de Fadas, os livros mantêm em circulação os mesmos assuntos no público infantil sucessivamente renovado (CASCUDO, 2006, p. 15)

Desta maneira, a literatura oral do Brasil se vincula à literatura escrita garantindo cada vez mais sua eternidade perante as novas gerações, uma vez que a oralidade (aquela ao pé da fogueira nas noites de lua, do fogão à lenha, da mesa de jantar, do alpendre da casa do campo... aquela descontraída e espontânea) vem sofrendo processo de desvalorização na contemporaneidade, sobretudo nas grandes cidades, com o advento das tecnologias de comunicação e interação, principalmente a mídia.

É buscando sanar a falta de repasse destas estórias orais, que constituem nossa cultura, que a literatura escrita, aquela que se enquadra a normas específicas, impressa, dos grandes clássicos, contemporaneamente inseriu de forma veemente as estórias, lendas, mitos, superstições, ritos e crenças do seu povo; é uma ansiedade de registrar e perpetuar uma literatura oral que, por meio de memórias saudosistas, insistem, felizmente, em permanecer na lembrança dos povos, mas fadado à escassez e esquecimento por parte significativa de pessoas. Dá-se aí a necessidade de registrar.

1. Da problemática do registro da oralidade

A literatura oral deságua na literatura escrita; principalmente na contemporaneidade.

Não se pode caminhar para “frente”, sem o aprendizado que assimilara “atrás”. Numa necessidade de conhecer-se, de fazer-se parte de um grupo, o homem do final do século XX e início deste século XXI procura na memória coletiva de seu povo, sua

tribo, encontrar-se. Busca descobrir segredos e desvendar respostas que somente um retorno ao passado imagético, mítico e místico de seu povo pode ofertar.

Na arte, diversos períodos de sua história conhecem o retorno a valores do passado como condição para o avanço. Regresso e progresso tecem uma rede de interações extremamente complexas onde parecem ser mais imediatas que na ciência as determinações sociais quando observados certos momentos retrospectivamente. (DUARTE, 1987, p. 150)

Por tudo isso, o homem pós-moderno volta-se para o princípio, para o começo e busca registrar o que escuta, o que vê.

E neste retorno, ele “re-conhece”, “re-descobre”, e “re-vê” situações que o cotidiano moderno e a lógica mecânica o fazem esquecer, esconder, perder. É da alegria do achado que vem a vontade, a necessidade do repassar, do “re-apresentar” aos demais o que a poeira do cientificismo encobriu. E aí vem o registrar. Mais que vontade de apresentar o achado, atualmente, necessidade de arquivar, socializá-lo em lugares onde as portas não mais se lhe abrem facilmente.

Acontece assim na literatura. A literatura escrita, por meio de seus escritores, buscando passados para compreender presente e futuros vãos, iniciou uma empreitada de recenseamento escrito de tudo o que concebemos como oral (relatos orais, manifestações populares). Trabalho bastante salutar, que imortaliza, com papel e tinta, o imaginário coletivo de um povo; contrariamente, também arriscado.

O papel e a tinta corrompem o fator determinante dos textos catalogados: a oralidade. Ou seja, enquanto a literatura escrita torna imortal a literatura oral, também a mata em sua gênese. Uma vez escrito, embora ali haja marcas de oralidade, o texto deixa de ser oral e passa a ser um registro daquela oralidade. Há a necessidade de esclarecer. Faz-se necessário a compreensão exata para evitar compreensões tortuosas sobre o processo literário em voga. Embora conserve características da oralidade, a literatura escrita apenas representa essa oralidade por meio de indícios.

A oralidade no escrito não existe, sequer poderia. Pode-se, entretanto, oferecer o registro escrito, características e marcas de uma oralidade que sempre é carregada de tradição e folclore.

Bem sabemos que os relatos orais não findarão. Sempre há de se ter um contador de estórias. A necessidade de arquivar, entretanto, que aqui defendemos e, por meio da

análise de uma obra literária escrita – *A casa* –, queremos identificar a existência (do arquivo) dessas marcas orais no escrito literário brasileiro é por sabermos, infelizmente, que os contadores perderam-se nas inúmeras construções de cimento e ferro, e que suas vozes muitas vezes ecoam no deserto; para muitos, em especial as novas gerações que vivem nos *shoppings* e *cybercafés*, contadores de histórias, praticantes de festejos populares, defensores de uma cultura popular que, em sua maioria, vivem nos espaços rurais, nada mais são que seres bizarros e desacreditados.

Por isso, há a ideia do recenseamento entre os “contadores”, mesmo que estes não notem.

[...] há a presença ainda viva do contador tradicional que com um repertório próprio pratica sua arte e transmite seu saber. Este contador merece, sem dúvida, ser não somente estudado, mas ter o seu repertório coletado e conservado. (PATRINI, 2005, p. 209)

O registro escrito vem como uma nova maneira dessa “oralidade” invadir os modernos blocos de pedras e brotar encantos nas novas gerações. O escrito vem fazer o desempenho, carente, mas muitas vezes necessário, de contar passados, lendas e crenças que vão sendo expulsos de sociedades metropolitanas. A oralidade é substituída pela escrita. Excepcionalmente. Mas as marcas orais, a tradição, o repasse... acontece. E isso por si só é motivo para comemorar.

“Quem ouve uma história está na companhia do narrador; mesmo quem lê, participa dessa companhia.” (BENJAMIN, 1980, p. 68) O narrador, aquele que conta a história, sempre será elemento básico para a contação, seja escrita ou falada. O escrito vem verbalizar e divulgar a quem não possui a presença do contador tradicional. A oralidade caminha seu curso em espaços diversos, independentemente da cristalização da escrita. E assim, acrescenta-se mais uma forma das futuras gerações compreenderem o passado e entenderem a sociedade à qual pertencem.

Observamos que campos da Sociologia, Antropologia, História e Letras, mesmo que temerosamente, iniciam um olhar mais atento às marcas do oral. Começam a desvendar uma riqueza popular que até então se via somente nos terreiros, nunca no salão.

Quando desvendarmos por completo o arsenal cultural, e aí muito existe do que aqui denominamos de literatura oral, o Brasil verá legitimamente a riqueza de seu povo.

2. As estórias do “crer ou não crer?”: superstições, crendices e outras manifestações culturais orais do sertão no escrito literário d’A Casa

Natércia Campos⁴, escritora cearense, discípula do conceituado folclorista Luís da Câmara Cascudo, como afirmava, estuda minuciosamente a cultura do povo sertanejo e em uma prodigiosa escrita, usando o forte poderio da imagem da casa, desvenda os mistérios das lendas, a força dos mitos e superstições, o poder dos símbolos, o alento religioso, o imaginário da morte... a crença do sertanejo, em *A Casa*, rico exemplo de registro, escrito de forma poética, da cultura do povo do sertão.

N’A *Casa*, Natércia Campos busca revigorar o folclore do humilde homem sertanejo enriquecendo-o pela sua cultura, a qual é vasta e opulenta. Desde as primeiras expressões até à última página da obra, podemos observar a tradição oral sertaneja sendo oferecida ao leitor com requinte e alinhamento pela escritora e pesquisadora da cultura do sertão.

As bananas pacovas, fruto que trazem no miolo a figura da cruz, gemem ao darem seu pesado cacho; caso sejam elas estéreis, faz-se necessário um abraço de homem (CAMPOS, 2004, p. 12-13); o chifre de boi afugenta o mau-olhado; das corujas, come-se a carne, para adquirir poderes de adivinhações; quando a Rasga-Mortalha voa próxima a casa de um doente de cama insistentemente, há sentinela (CAMPOS, 2004, p. 13); comendo fruta inonha, seus frutos serão gêmeos (CAMPOS, 2004, p. 34); os nascidos empelicados, são afortunados (CAMPOS, 2004, p. 36); agosto, mês de desgosto e crianças e doentes que devem dormir com luz de vela para não ficarem a mercê da escuridão (CAMPOS, 2004, p. 14) são crenças que permanecem encravadas na cultura sertaneja, o que ratifica a força e o poder que o Realismo-Maravilhoso atém no imaginário do sertão.

⁴ Escritora contemporânea cearense, Natércia Maria Alcides Campos nasceu em Fortaleza em 30 de setembro de 1938. Estreou como escritora com o conto *A Escada*, no ano de 1984 e deste então somente parou com seus escritos em 2004, quando morreu vítima de câncer em 02 de junho. Recebeu prêmios do Concurso Literário do Banco Sudameris, IV Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, Ideal Clube de Literatura e em 1998 recebeu o prêmio Osmundo Pontes de Literatura pelo livro *A Casa*. Foi membro da Academia Cearense de Letras, eleita por unanimidade, em 2002; passando a ocupar a cadeira número 6, cujo patrono é Antônio Pompeu de Sousa Brasil. Foi membro também da Academia Fortalezense de Letras e da Sociedade Amigas do Livro.

“Foram as lendas despertadas à luz do candil, nas noites velhas, pela voz dos contadores de histórias.” (CAMPOS, 2004, p. 12) Não somente as lendas, mas todo um conjunto de dizeres que denominamos de literatura oral, histórias e estórias que vêm sendo passadas de geração a geração por meio do falar, e agora registradas para protegê-las da precisão cientificista do mundo contemporâneo. É necessário eternizar as estórias herdadas dos antepassados. É isto que Natércia Campos faz n’*A Casa*, obra, no dizer de Pardal (*apud*, GUTIÉRREZ, 2007 p. 53): “[...] de folclore, de crenças, de religiosidade e de mitos, em forma de uma deliciosa ficção”.

Em tempos do nascer da casa centenária localizada no “sertão de dentro” de Natércia Campos, há muito já existia o lendário lobisomem a amedrontar os viajantes, estes muito pernoitaram nos alpendres do centenário lar. Na Hora-Aberta, no pino do meio-dia, os demônios se libertam; as pragas e rogos são ouvidos pelos poderes celestiais. “Ouve-se o tropel dos animais encantados, vindos dos caminhos em cruz, em fúria cavalgada.” (CAMPOS, 2004, p.10). Muitas são as Horas-Abertas: meio-dia, meia-noite, as Trindades, ao amanhecer (06h00min) e ao anoitecer (18h00min). A mais forte e poderosa é a do meio-dia, neste horário, olhar para traz não se deve, as miragens acontecem, acuam-se os animais e protegem-se os homens em seus lares, esperando Pã⁵ adormecer.

Horas sem defesa qualquer, estão os seres fadados à morte, piores em caso de doenças, feitiços, forças nocivas em geral. Sobre o meio-dia, escreve Cascudo:

Para nós, brasileiros do sertão, o redemoinho, os súbitos pés-de-vento, a poeira que sobe, brusca, diante das portas, o canto estridente do galo, os rumores inexplicáveis no telhado, nas camarinhas sombrias, nos alpendres solitários, denunciam presenças misteriosas e sobrenaturais. (2002c, p. 468)

Completa João Guimarães Rosa o sentido fantástico destes fenômenos ocorridos no sertão das Horas-Abertas: “o diabo na rua, no meio do redemunho”. (ROSA, 1986, p.04) Para os brasileiros do sertão, o diabo, ou todos os outros nomes que compõem a demasiada lista de alcunhas do tinoso revelada por Riobaldo⁶, está sempre presente,

⁵ Deus dos bosques, dos campos, dos rebanhos e dos pastores na mitologia grega; no Brasil, deus também dos sertões.

⁶ Narrador-protagonista da obra-prima *Grande Sertão: Veredas*. Jagunço, confronta as forças do bem e do mal, relata os feitos e características da sua vida sertaneja e revela os códigos de honra e de

sempre próximo, até mesmo, dentro de nós. Alguns fenômenos naturais anunciam sua chegada; sua estada; sua eterna permanência não tolerada entre as gentes. Um simples descuido, e ele os governam. Rouba-os a sombra. Rouba-os a alma.

A autora d'A *Casa* antropomorfizou a personagem-narradora Casa. E esta personagem, ao esquadrinhar os pensamentos, os segredos e o existir do homem sertanejo, homem facilitador do processo de sacralização de seres, espaços e/ou situações, depara-se diante de um imaginário intrínseco ao povo do sertão já no seu nascimento; imaginário este que acompanha a vivência e morte do sertanista. A casa, sendo uma alegorização deste povo, também possui a mágica das crendices desde sua origem:

As madeiras de lei duras e pesadas com que me construíram até a cumeeira têm a cerne de ferro [...]. Todas elas foram cortadas na lua minguante para não virem a apodrecer e resistirem, mesmo expostas ao tempo [...]. Tiveram as madeiras a necessária maturação para fortalecer [...] Fui tocada pelo sopro da vida quando foi colocada a pedra lioz da sagrada soleira que doravante protegeria meus domínios familiares. (CAMPOS, 2004, p. 7-8-9)

Os cortes de madeiras na lua minguante fortalecem, segundo as crendices sertanejas, a madeira, dando-lhe mais resistência e durabilidade. É este mesmo homem que crê na necessária maturação da madeira, que lhe garante força centenária.

O próprio nome com que fora batizada a Casa, bem como o seu batismo, nos sugere mistério. Trindades: este o nome dado à casa de descendentes portugueses incrustada na caatinga cearense. Alude à Santíssima Trindade, doutrina benquista pela maioria das religiões cristãs que professa a Deus único preconizado em três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; a Trindade é um mistério, e, portanto, não adianta esperar compreendê-la. Aufere esse nome “na mais serena das horas canônicas” (CAMPOS, 2004, p. 15), o que faz mistificar cada vez mais a casa Trindades.

procedimentos do sertão. Este resolve fazer um pacto com o demônio. Em uma noite escura, vai, então, a uma encruzilhada. Após chamar o demônio pelo nome, vai-se sem receber qualquer tipo de resposta; não sendo assim possível afirmar com certeza se houve ou não o pacto. Fato é que, depois dessa noite, o comportamento de Riobaldo se modifica radicalmente, chegando a se tornar o chefe do bando de jagunços ao qual fazia parte. Uma das grandes dúvidas de Riobaldo era justamente sobre a existência ou não do "Diabo", e se verdadeira era sua condição de pactuário. Afirma a certo ponto da narrativa: "*Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano.*" Não é o que pensa a maioria dos homens do sertão; certamente nem mesmo Riobaldo, apesar da afirmativa. O que de fato o consumia era a dúvida do pacto, a falta de resposta do Diabo n'aquela noite na encruzilhada. Mortificava-o certamente a certeza do pacto e com ela, a certeza de uma eternidade suspeita.

Ela imperava no reinado do sol: “posso um lado mais quente, curtido, voltado para onde o sol rei, pai absoluto do lugar, se põe, morgado, ao esconder-se da noite atrás das serras (CAMPOS, 2004, p.09), enquanto o Solar, outra casa pertencente à família localizada na Serra dos Ventos, reinava no alto, iluminada, protegida e reinando a realeza da lua. “Dissera o Pintor que naquela serra de céu coberto de névoas a lua era madrinha e, aqui embaixo, após a divisão das águas, iniciava-se o reinado do sol” (CAMPOS, 2004, p.37). Traz-nos à lembrança, as inúmeras lendas (algumas indígenas) sobre o sol e a lua. Lembramo-nos também da lírica história do Irmão Sol (São Francisco de Assis) e da Irmã Lua (Santa Clara de Assis).

Para o homem que percorre errante as terras do sertão, a oração do Rio Jordão, guardado num saquinho de couro, é obrigação ter sempre consigo; fecha o corpo e protege contra as assombrações. Este nunca deve se voltar para trás: “Quem olha para trás, s’assombra” (CAMPOS, 2004, p. 39).

Trindades, sendo berço de seres fadados ao fracasso, acalenta mitos e tabus que fomentam na “sua gente” justificativas e/ou explicações que os tornam sempre mais vulneráveis: histórias de quebranto, mulheres que não podem tocar em soleiras ou na pedra de ara dos altares, ficando assim estéreis (CAMPOS, 2004, p. 10) ou ainda a inviabilidade de batizar um filho com o nome de santo, pois haveria de ter má sina (CAMPOS, 2004, p. 47), são alguns dos tabus existentes.

“É sempre na estação das chuvas que retornam as velhas histórias” (CAMPOS, 2004, p. 17). Palavras profetizadas que atravessam o silêncio e perduram-se no tempo, iluminadas pelas fogueiras e estrelas à noite, transportadas ao cheiro e fumaça do café torrado, do fumo, dos couros curtidos nas tardes, nas horas de redemoinho. É aí que o velho daquele sertão fala (CAMPOS, 2004, p. 10) ou o velho passador de gado conta estórias como a do encoletado em couro (CAMPOS, 2004, 38).

A morte confia seus segredos ao pássaro preto; portanto, receia-o (CAMPOS, 2004, p. 73). As cobras, ao irem tomar água, deixam seu veneno oculto para não se envenenarem (CAMPOS, 2004, p. 75). As palhas bentas do Domingo de Ramos colocadas nas portas das casas afugentam as alucinações (CAMPOS, 2004, p. 77); crianças marcadas por certos sinais visíveis somente para rezadores e milagreiros nas costas, não sobrevivem; são as marcas das asas que somente possuem anjos e querubins celestiais (CAMPOS, 2004, p. 17); quem ouro atém à pele, faz desaparecer incorreções existentes no corpo (CAMPOS, 2004, p. 52). Estes tantos mais são apenas exemplos de

afirmações empíricas repassados de proles a proles pela oralidade e registrada pela escrita.

Interessante se faz na obra *A Casa* é que inúmeras situações fogem à realidade, mas mesmo assim são vistas pela casa e pelos que nela habitam como algo natural e verdadeiro. São casualidades que fora da narrativa são totalmente arbitrárias à ciência (inverossímeis), mas dentro dela são tão habituais quanto o amanhecer e pôr-do-sol. Tais ocorrências são comuns em solo sertanejo, formando uma auréola de credices que perduram mesmo no século XXI:

Na noite mais longa do ano sou envolta por uma nuvem de poeira que cobre as minhas telhas e junto a ela vem o ruído sem eco do tropear agitado de estranha cavalgada. Rondam-me, estacam e escuto o hausto das respirações e o bralhar dos cascos. Não deixam rastros. À sua passagem os cachorros escondem-se e uivam temerosos. Os ventos tornam-se inquietos, tângem sinos, batem chocalhos, chaves, forçam portas e janelas para que os sons quebrem o poder do silêncio quando os mistérios se desencadeiam na noite. Vezes sem conta vi surgir da solidão do campo-santo, coleante como uma cobra, o facho azulado que desaparece engolido pela escuridão destes remansos [...] (CAMPOS, 2004, p.33).

O sertão não seria o mesmo sem suas estórias de assombros e esconjuros contadas nos apendres, entre o balançar das redes; muito menos seria o mesmo sem seus profetas a proferirem futuros vãos. Felizes são os que na família ainda possuem o velho a contar as estórias do sertão, seus ritos, seus mitos.

Em busca de remate às palavras nossas

Concluimos então, submersos em leituras sobre o assunto, que este processo – o desaguamento do oral no escrito, embora sempre tenha ocorrido, na sociedade pós-moderna tornou-se prática de muitos escritores, fortalecendo-o. Forma de retorno saudosista a um passado no qual se busca encontrar respostas para a sociologia contemporânea; nesta volta ao passado, chegamos às nossas raízes, no caso brasileiro, afro-luso-tupi.

A cultura popular é marginalizada. Sempre foi. E neste rol de marginalização insere-se a oralidade. Nas últimas décadas, entretanto, a oralidade envolveu academias e

centros culturais para estabelecer-se como meio de arte vigente entre nós. Muito ainda há o que ser feito para que os ecos dessa assimilação impulsionem efetivos efeitos.

Ao analisar a obra da escritora cearense Natércia Campos – *A Casa* – facultou-nos comprovar este desaguamento que o oral oferece ao escrito; enriquecendo-o e requintando-o. *A Casa* é um romance, embora formal na escrita, popular na sua narração. Apresenta-nos uma coletânea dos costumes pertencentes ao povo sertanejo cearense. Mais. Oferta-nos marcas de uma oralidade esquecida no passado da vida ruralista que foi o Brasil até o início do século XX e que a industrialização e capitalismo desequilibraram, pondo na sociedade recente seus desmandos sem fim.

A memória e o imagético são fatores extraordinários para a contação. Faltando-nos as lembranças, as fantasias, a vivência e o popular, pouco temos a contar. A história da nossa formação nos faz observar três culturas miscigenando-se nas nossas terras e compondo a brasilidade cultural vasta que a consagrou – ameríndia, europeia e africana – como nestas linhas já afirmamos.

O sertão é crédulo. O sertão é supersticioso. Isso não há de mudar. Gerações a fio as estórias vem sendo recontadas e seu declínio não há de chegar ao ponto final. Doravante, é necessário um esmero (atenção) maior à literatura oral. A afirmativa aqui exposta não solicita políticas de imposição, o popular isso não exige; mas sim o devido respeito que esta merece e sua valorização.

Referências

CAMPOS, Natércia. *A Casa*. Fortaleza: Editora UFC, 2004. 89 p. (Coleção Literatura no vestibular, 2)

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.

DUARTE, “Regressão e tradição na arte contemporânea”. In: *Tradição Contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor / Funarte, 1987.

LAPLANTINE, François. TRINDADE, Liana Sálvia. *O que é imaginário*. – São Paulo: Brasiliense, 2003. – (Coleção primeiros passos; 309)

PATRINI, Maria de Lourdes. *A renovação do conto: emergência de uma prática oral*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*: [tradução Maria Clara Correia Castello]. – 3 ed. – São Paulo: Perspectiva, 2004. – (Debates; 98/dirigida por J. Guinsburg)